
DOSSIÊ

A ideia de uma universidade cristã

Jürgen Moltmann*

No mundo moderno, as universidades em todos os lugares se encontram em crise: na crise de sua identidade e nas crises de seu sentido e de suas funções na sociedade – assim se diz. Olhando melhor, percebem-se conflitos de interesses que têm as universidades como alvo e comprometem sua liberdade de pesquisa e ensino. A liberdade da universidade consiste em ser um espaço livre de dominação para pesquisa e para a procura da verdade. A *scientific community* (comunidade científica) dos professores e estudantes é uma comunidade com dignidade e direitos próprios.

No século XX, porém, as grandes ideologias políticas meteram a mão nas universidades e submeteram pesquisa e ensino a seus próprios fins. As universidades foram *politizadas*. A liberdade de pesquisa e a verdade do ensino foram reprimidas. Nos reinos fascistas da Europa, a ideologia racista dominava as ciências: uma “física alemã” iria supostamente substituir a teoria da relatividade de Einstein, e da pesquisa biológica exigia-se a prova da teoria das raças, quer dizer, da superioridade da raça ariana sobre todos os outros povos. No bloco comunista do Leste Europeu a ideologia marxista-leninista dominava as universidades e reprimia todas as pesquisas e ensinamentos não desejados. Não existe, porém, nenhuma “matemática marxista”. Contra estas ideologias totalitárias do Estado, o Ocidente defendeu, até a queda do muro de Berlim, de 1989, a liberdade das ciências nas universidades, porque o Ocidente pretendia ser “o mundo livre”.

* Artigo traduzido por Norbert H. C. Foerster. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

** Doutor em Teologia, professor emérito da Universidade de Tübingen (Alemanha). Doutor *honoris causa* pela Universidade Metodista de São Paulo.

Após a derrocada da União soviética, em 1989, desapareceu este inimigo político da liberdade das ciências, mas esta liberdade não se expandiu globalmente. Ao contrário, as universidades no Leste assim como no Ocidente sofreram a coerção das *economização* de todas as relações na sociedade moderna. As ideologias políticas totalitárias não são mais o problema principal da liberdade nas universidades; este, agora, é a utilidade econômica de suas pesquisas e do seu ensino. No campo das ciências naturais e sociais aplicadas, isto não é nenhum problema. Aqui, as interligações entre pesquisa e indústria nos laboratórios de pesquisa das universidades e das empresas são desejáveis. Para as biotecnologias é positivo que as indústrias as financiem, e que as pesquisas tenham um foco prático. Somente pode ser aplicado na prática, porém, o que antes se descobriu e refletiu teoricamente. Por isso, a pesquisa dos fundamentos teóricos é igualmente importante. Ela é realizada nas universidades e também precisa ser financiada. Quando sua utilidade imediata não é reconhecível à primeira vista, falta, porém, frequentemente, o apoio financeiro. Quem, em 1905, teria concedido apoio financeiro a *Albert Einstein* para sua teoria da relatividade? E, mesmo assim, as ciências naturais vivem hoje de sua teoria.

Hoje, distinguimos nas universidades alemãs não mais entre “ciências do Espírito” e “ciências naturais”, mas entre “ciências naturais” e “ciências da cultura”. A cultura de uma sociedade é um campo que possui sua própria dignidade e seu próprio direito, e ela não pode ser politizada ou economicizada, porque na cultura se expressa a autocompreensão e o autorretrato de uma sociedade. É evidente que também as ciências naturais têm um significado cultural, por isso falamos de uma “civilização técnico-científica” no mundo moderno. Na Alemanha, atualmente as funções são redistribuídas: as ciências da cultura estão perdendo, e as ciências naturais ganhando; a física teórica está perdendo, e a física aplicada está ganhando. As novas ciências biológicas e as ciências de computação precisam do espaço. A nova “economicização” das universidades se prova até linguisticamente: o *rector magnificus*, quer dizer, o presidente, que nós saudávamos com “Magnifizenz”, é chamado hoje de “presidente do comitê de supervisão” (Aufsichtsratsvorsitzender) da universidade, e os nossos estudantes são os “clientes” da nossa empresa de serviços científicos. Este desenvolvimento não é bom: de fato, temos ganhos a curto prazo, mas as ciências, a longo prazo, vão à falência.

O que é a ideia em comum de uma universidade das ciências? Nós não o sabemos mais, nós não temos mais fundamentos espirituais em comum. Por isso, as universidades se dissolvem em diversidades e se tornam uma soma de escolas profissionais.

Eu, porém, acredito na unidade de todo conhecimento e de todo agir humanos e quero convidá-los a me acompanhar na procura da ideia de universidade.

1. Ciência natural – ciência da cultura

As ciências da cultura lidam com a memória cultural de um povo, dos povos e da humanidade. A memória cultural é preservada nas tradições da história, nas tradições escritas, mas também na língua e na maneira de pensar, nos usos e costumes do presente, no estilo de vida e nos prédios, nas casas e templos etc. A religião pertence ao centro de suas tradições. Na memória cultural são preservadas as experiências dos antepassados, suas experiências de vida e morte, suas experiências com o ambiente natural e finalmente também suas expectativas de vida e esperanças no futuro. Nas ciências culturais olhamos o passado dos povos, e colocamos presentes suas tradições. Os métodos das ciências culturais pertencem, portanto, à *hermenêutica*, quer dizer, à arte de compreender a vida passada ou vida alheia. Seríamos pobres se só conhecêssemos o próprio presente, sem conhecer também o presente passado dos nossos antepassados e o presente alheio de outros povos. É verdade que, na globalização, estamos interessados somente na ampliação do nosso próprio presente, mas quem esquece a memória cultural dos seus antepassados perde a força de olhar o futuro para além do momento presente.

No início do tempo moderno as ciências naturais tiveram dificuldades de se manter contra a memória cultural. Quando Galileu *Galilei* quis mostrar aos seus adversários as luas de Júpiter, estes se recusaram a olhar por seu telescópio, porque acreditavam que não se encontraria verdade nenhuma na natureza, mas ela seria encontrada somente na comparação de textos. Por isso *Pascal* lamentou “a cegueira daqueles que valorizam na física apenas a tradição, em detrimento do experimento e da razão”.

Quem estuda a memória cultural normalmente está sentado na biblioteca e estuda livros. Quem aprende ciências naturais trabalha no laboratório e realiza experimentos. Aqui nos ocupamos com as tradições no tempo, lá com a natureza atemporal; aqui a biblioteca, lá o laboratório; aqui *arts e humanities* (artes e humanidades), lá *science and technology* (ciência e tecnologia): eles devem ser considerados em conjunto, ou são totalmente diferentes? Ciências da cultura e ciências naturais são duas janelas diferentes da realidade? O mundo das artes e o mundo tecnológico são duas culturas completamente diferentes? Por que é que eles convivem na casa da universidade?

Para enxergar o que eles têm em comum, expando o conceito de “memória”. As ciências naturais lidam com a “memória da natureza”. Elas não percebem uma realidade atemporal, mas uma realidade historicamente formada. Se nós admiramos o céu estrelado à noite, olhamos para o passado do universo. Porque a velocidade da luz é finita, não percebemos de maneira atemporal ou simultânea, mas anos-luz mais tarde, e vemos estrelas que há muito tempo já se apagaram. Da radiação dos fundos do universo o passado primordial logo

após o *big bang* vem ao nosso encontro. O universo está, desde o *big bang*, no processo de uma história única, e seu momento presente é apenas um estágio de suas transformações. Igualmente na construção da matéria, desde o núcleo atômico até o átomo formado, a molécula, a célula, os organismos e seres vivos até o cérebro humano, se acumulou uma memória da natureza que eliminou ligações hostis à vida e favoreceu ligações favoráveis à vida. Assim, a evolução da vida no nosso planeta é uma história única, não repetível. *Carl Friedrich Von Weizsäcker* deu ao seu livro famoso de 1957 o título *A história da natureza*. Se a natureza tem história, então a natureza tem também memória e é um passado presente. Se a natureza tem “história”, então a natureza tem expectativa e é futuro presente. Na memória natural se acumulou uma sabedoria do ser e da vida, sabedoria esta da qual podemos aprender.

O código natural e o código cultural não são tão afastados que não se possam influenciar mutuamente. Precisamos de uma nova sintonia e consonância entre a cultura humana e a natureza da terra, se quisermos sobreviver. A sabedoria cultural dos nossos antepassados remotos na sua maneira de lidar com o ambiente natural pode nos ajudar a desenvolver uma sabedoria ecológica para a era pós-industrial. Gosto de pensar, neste sentido, no *Tao te Ching* de Laotse.

2. Tradição e progresso

Tradição e progresso parecem ser hoje contradições: Tradições olham para trás, para o passado – progressos vão em direção ao futuro; tradição é memória – progresso é esperança; tradições preservam o antigo – progressos buscam o novo. Há quem pense assim – mas este quadro é adequado? Não acredito. Há gente tradicionalista que se levanta contra qualquer progresso, mas será que entende a própria tradição? Do outro lado, há gente que acredita no progresso, que despreza e quer destruir as tradições antigas, mas será que entende aonde os progressos irão levar? Encontramos nas tradições culturais não apenas passado preservado, mas também esperança relembrada de gerações anteriores. Existe de verdade futuro no passado, futuro do qual lembramos, quando procuramos o futuro do nosso próprio presente. A história não segue o conceito de tempo linear: passado – presente – futuro, ou: futuro – presente – passado. Se fosse assim, o futuro se tornaria presente, o presente se tornaria passado, e no fim tudo teria desaparecido. A história real, no entanto, tem uma estrutura dialética: o passado é o reino da realidade, o futuro é o reino da possibilidade, e o presente é a frente na qual realizamos – ou não realizamos – possibilidades. Cada realidade é uma possibilidade realizada. Cada passado é um futuro passado. Se nos lembramos dele, não só lembramos o que passou, mas também o que era possível. Na memória cul-

tural dos povos, futuro lembrado é guardado. Também hoje é realista quem não somente conta com o que existe, mas também com aquele que pode existir, e quem espera, por isso, o inesperado.

As tradições religiosas são parte central da nossa memória cultural. Elas têm uma margem utópica, enquanto tornam presentes experiências de transcendência. Elas vão além da realidade existente e convidam ao transcender, seja em direção do céu ou em direção do futuro. A religião judaico-cristã é de maneira especial uma *religião da esperança*. Nas suas tradições, as promessas divinas do Antigo e do Novo Testamento são guardadas e atualizadas. Por isso, elas inspiravam a coragem de um progresso em direção a um futuro ainda desconhecido. A crença no progresso do mundo moderno se constitui, em boa parte, como secularização da esperança cristã no Reino de Deus. Com o início do mundo moderno surgiu a esperança num futuro de um Reino de Deus sem Deus, de um reino de liberdade e reino da paz eterna. Quem quer entender as forças interiores do mundo moderno ocidental precisa entender a religião cristã da esperança. Ela era e é o motor das transformações modernas mundiais.

Com isso, chegamos ao outro lado: o *progresso*. Progresso sim, mas aonde queremos chegar, e o que queremos alcançar?

O progresso em si é ambivalente e pode levar ao bem ou ao mal. Mesmo assim, a ideia do progresso deu sentido ao projeto do mundo moderno. Progresso científico conduz a descobertas sempre novas da natureza. Conhecemos cada vez mais leis da natureza e podemos decifrar o genoma da vida humana. Aqui, há indubitavelmente progressos, de Newton a Einstein e além. Na tecnologia os progressos são visivelmente onipresentes: do veleiro ao avião, do telefone à internet etc. Há também progressos políticos em direção a uma liberdade pessoal maior e justiça social maior, da ditadura à democracia e do Estado nacional às Nações Unidas. Mas a crença moderna no progresso ambicionava mais: pela educação e formação cultural, a humanidade deve ser civilizada: do tempo das pedras à megalópole moderna. Pela educação na escola e universidade deve ser formado também o caráter, assim que finalmente o gênero humano melhore moralmente, e fome, doença, crime e guerra desapareçam da face da terra. “Eu os lidero em direção a tempos maravilhosos”, gritou o imperador alemão Guilherme II ao povo alemão – e pouco tempo depois começou, em 1914, a “catástrofe européia primordial” na Primeira Guerra Mundial. As nações mais avançadas da Europa se destruíram mutuamente com os meios da ciência e técnica modernas.

Perdemos, após estas experiências, a crença ingênua no progresso, porque perdemos a confiança no ser humano. Por isso nos perguntamos: Aonde deve nos levar o progresso científico-técnico? E quem controla o poder ci-

entífico-técnico e impede hoje que bombas atômicas caiam nas mãos de terroristas suicidas?

Precisamos de objetivos humanos para a acumulação progressiva do poder. Precisamos da visão de um mundo humano sustentável neste planeta terra para as globalizações dos poderes financeiro, econômico e militar. Em função disso fazemos bem em ressuscitar nossa memória cultural e perguntar pela sabedoria e pelas esperanças dos nossos ancestrais, porque com o futuro do nosso mundo está em jogo também o futuro do seu mundo. Precisamos relacionar nossas tradições culturais e religiosas com os progressos científicos e técnicos, para fazer progressos em direção aos horizontes do futuro que nossas melhores tradições nos abrem.

3. Certezas da fé e hipóteses científicas

Alguns, quando ouvem falar de uma “universidade cristã”, pensam em fundamentalismo ou no magistrado da Igreja, mas não na liberdade das ciências. Engano puro: São as certezas da fé cristã que libertam as ciências de preconceitos e garantem sua liberdade. Em 1543, o reformador protestante de Nuremberg, Andreas Osiander, editou o livro de Nikolaus Kopernikus que revolucionou a visão do mundo medieval. No seu prefácio, o teólogo introduziu o conceito de “hipótese”. Teorias científicas são hipóteses, e não certezas da fé. Elas precisam ser experimentalmente verificadas ou falsificadas. A fé cristã em Deus não fixa as ciências naturais numa visão de mundo religiosa, mas a liberta para o conhecimento do mundo no horizonte aberto de suas projeções hipotéticas. A fé tira das ciências o peso das visões de fé dogmáticas e preconceitos ideológicos e garante sua mobilidade no progresso em direção a tentativas explicativas sempre novas. A intenção divina com a mensagem bíblica consiste em revelar ao ser humano o necessário para a salvação, mas não o poupa da investigação científica do mundo. Por isso não convém dogmatizar visões do mundo bíblicas de 3 mil anos atrás, como quer o criacionismo. Do outro lado, não esperamos dos conhecimentos científicos nem certezas de fé nem convicções ideológicas. Ciência não lida com fé e certeza, mas com razão e dúvida. Somente distinguindo fé e ciência, podemos relacioná-las de maneira fértil: a ciência pode purificar a religião de erro e superstição. A religião pode libertar a ciência de idolatria, de ideologia e da absolutização de seus conhecimentos.

Como isso acontece? Devemos a Charles Darwin uma primeira teoria de evolução. Ele a desenvolveu a partir das suas observações da natureza. Sua teoria foi uma hipótese. Hoje temos na biologia teorias de evolução completamente diferentes. Somente Huxley fez do conhecimento de Darwin uma ideologia, o chamado darwinismo, que estava exatamente conformado ao

capitalismo da Inglaterra no século XIX: “The survival of the fittest” (“A sobrevivência dos melhores”, ou “dos melhor ajustados”, n.T.) se ajusta perfeitamente à justificação do mundo competitivo capitalista, e mais tarde à justificação do racismo branco e do colonialismo. O problema não é a teoria da evolução hipotética de Darwin, como alguns fundamentalistas pensam, mas a ideologização nada científica do seu conhecimento científico. Aqui, a fé cristã tem que se tornar rigorosamente crítica à ideologia e libertar o mundo e as ciências dos ídolos.

A fé cristã em Deus não é somente crítica referente às ideologias e visões do mundo que os homens fabricam, mas ela se volta ao mundo dizendo “sim” à vida. Ela vive de um grande e incondicional amor a este mundo, aos seres humanos e a esta terra. O Deus criador diz seu SIM divino a este mundo: ele deve existir e não deixar de existir. O Deus reconciliador se faz ele mesmo em Cristo carne e diz SIM à vida, encarando o mal e a morte. O Deus Espírito da vida mora em tudo que vive e santifica tudo que vive por seu SIM à vida. Este “sim” à vida e ao futuro é importante para a cultura na qual vivemos. Não existem bons argumentos científicos, mas mesmo assim acreditamos que o gênero humano não é um imenso engano da natureza, mas que deve viver para o bem de toda a criação. Esta crença numa predestinação, dotada de sentido, do gênero humano é pré-racional – isto é verdade –, mas ela abre nossa razão para o sentido da vida, e abre os nossos sentidos para o prazer de viver. Somente se assumimos incondicionalmente este SIM à vida podemos resistir ao niilismo moderno da destruição terrorista do mundo ou da derrocada apocalíptica do mundo.

4. A missão de uma universidade cristã

Uma universidade cristã não quer ser uma universidade sectária, mas uma boa universidade de alto padrão científico, de educação excelente e de qualidade amplamente reconhecida. Ela não existe por si mesma, mas por todo o país, para a humanidade e toda a criação, e nisso ela cumpre sua missão divina.

Esta universidade *compromete-se com a verdade e serve à vida* dos seres humanos e da natureza. Permitam-me concluir destacando estas duas perspectivas: a procura da verdade e o serviço à vida.

a) Uma universidade é uma *comunidade à procura da verdade* de aprendizes e professores. Esta missão une as diferentes ciências, as disciplinas teóricas e práticas, assim como as ciências culturais e ciências naturais.

Verdade é a adequação da razão e da realidade (*adequatio rei et intellectus*). Quem trabalha nos parâmetros das ciências naturais, para conhecer a realidade como ela é, se alegra de um lado que esta realidade possa ser

reconhecida por nossa razão, e do outro lado se torna muito humilde, porque, quanto mais descobre, tanto mais sabe o que não conhece, e se torna respeitoso diante da imensidão do universo. Quanto mais conhecemos a verdade, tanto mais a procuramos. Porque aqui só conhecemos “por fragmentos”, como diz o apóstolo Paulo.

A verdade, porém, é mais do que somente a adequação de realidade e razão. Ela é também a adequação de razão e existência, portanto a adequação do ser humano a si mesmo, sua autocompreensão. Também aqui, só conhecemos por fragmentos, e continuamos, no fundo, um mistério para nós mesmos e para os outros, porque somos um segredo para nós mesmos e somente Deus sabe quem na realidade somos. Por isso, os seres humanos sempre estiveram à procura de sua verdade. A história das culturas humanas é um longo caminho dos seres humanos na procura do seu ser humano verdadeiro. E este caminho continua se agora entramos na nova era globalizada da humanidade unida. Finalmente, desde o início os seres humanos estão à procura da sua terra natal e do seu papel na comunidade das criações nesta terra. “Cada formiga sabe a fórmula do seu formigueiro, cada abelha sabe a fórmula da sua colméia, somente nós seres humanos não conhecemos nossa fórmula”, já se queixou Dostoiewski. Por isso, procuramos a harmonia com o meio ambiente natural e a paz ecológica no espaço de vida desta terra. Somente iremos chegar à nossa verdade humana, porque será alcançada a adequação sustentável e duradoura da nossa cultura e da natureza da terra. Após as industrializações muito violentas do mundo moderno teremos um longo caminho para a frente, para encontrar esta verdade.

b) O *serviço à vida* é indiscutível na medicina. Da herança da cultura grega recebemos e assumimos o juramento hipocrático dos médicos. Eles devem colocar seu conhecimento e sua arte médicos a serviço da vida; eles devem curar e não podem destruir; eles devem fazer viver e não podem matar. Após as terríveis experiências com a guerra do gás na Primeira Guerra Mundial e das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial, surgiu entre nós a discussão se não seria certo todos os cientistas naturais seguirem aos médicos, para colocar seu trabalho científico a serviço da vida e recusar qualquer trabalho a serviço da morte. Não chegamos a nenhum resultado, mas esta discussão sobre um juramento profissional na área das ciências naturais indica a direção certa. Não somente os cientistas da física atômica e os técnicos biológicos, mas nós todos precisamos de uma clara *cultura da vida*, para resistir ao niilismo crescente. Disso fazem parte um SIM incondicional à vida e um SIM incondicional ao futuro da terra. Faz parte o respeito à vida não só dos seres humanos, mas de todas as criaturas da terra.